

Apsaras (Sânc.) – [Literalmente: “que se movem na água”.] Ondinas ou ninfas aquáticas do Paraíso ou céu de Indra. Segundo a crença popular, as *Apsaras* são as “esposas dos deuses” e são denominadas *Surânganâs* [formosas mulheres dos deuses]. Num terminologia menos honrosa, são chamadas de *Sumadâtmaçâs* (ou “filhas do prazer”), pois, como conta a fábula a seu respeito, quando surgiram, no ato de remexer o oceano, nem os deuses (*suras*) nem os demônios (*asuras*) quiseram tomá-las como esposas legítimas. Urvasî e muitas outras são mencionadas nos *Vedas*. Em Ocultismo, são certas plantas aquáticas com virtudes narcóticas ou “produtoras de sono” e certas forças inferiores da Natureza.

Âpta (Sânc.) – O que alcançou, que é por si próprio iluminado.

Âptavâkhyam (Sânc.) – Palavras de um *âpta*.

Aquastor – Um ser criado pelo poder da imaginação, isto é, pela concentração do pensamento no *Âkaza*, graças ao qual pode-se criar uma forma etérea (elementais, súcubos e incubos, vampiros etc.) Estas formas imaginárias e contudo *reais* podem adquirir a vida da pessoa, através de cuja imaginação foram criadas. Sob certas circunstâncias, podem até se tornar visíveis e tangíveis. (F. Hartmann)

Aquelarre (*Witches' Sabbath* ou Sábado das Bruxas) – A suposta festa e assembléia de bruxas em algum local solitário, onde, diz-se, as bruxas comunicavam-se diretamente com o Diabo. Todas as raças e todos os povos creram nisso e alguns, ainda hoje, acreditam. Assim, costuma-se dizer que o principal ponto de reunião de todas as bruxas da Rússia é o Monte Calvo (*Lissaya Gôrâ*), situado próximo a Kiev; na Alemanha, o Brocken, nos montes do Harz. Na velha Boston (EUA) congregavam-se próximo ao “Lago do Diabo”, numa vasta selva hoje desaparecida. Em Salem, os dignatários da Igreja mataram-nas à vontade e, na Carolina do Sul, uma feiticeira foi queimada no ano de 1865. Na Alemanha e Inglaterra, foram assassinadas aos milhares pela Igreja e pelo Estado, após serem obrigadas a mentir e confessar, através de tortura, sua participação no “Sábado das Bruxas”. [A Noite de Santa Walpurgis ou Walpurga, cuja festa é celebrada pela Igreja no dia primeiro de maio, noite que ainda hoje as pessoas mais simples vêem chegar com certo temor supersticioso, tornou-se famosa na Idade Média pelo aquelarre (sabá) celebrado por bruxos e bruxas na agreste montanha do Brocken ou Blocksberg, o pico mais elevado do Harz. Esta cena é magistralmente descrita na primeira parte do *Fausto*, de Goethe.]

AQUELE – O Todo Absoluto, o Eterno Absoluto, fora do qual nada existe, do qual tudo procede e no qual tudo se resolve; a causa instrumental e material do Universo; a substância e essência do Universo. É a existência Una, incognoscível, cuja primeira manifestação é o Espírito. O Espaço e o Tempo são apenas formas d'Aquele. Para os sentidos e as percepções dos seres finitos, Aquele é Não-Ser, no sentido de que é a única Ipseidade, porque nesse Todo oculta-se sua coeterna e coeva emanção ou radiação inerente, que, ao se converter periodicamente em Brahmâ (a potência masculina-feminina), desdobra-se, formando o Universo manifestado. (*Doutrina Secreta*)

Aqueronte – Forma preferível de *Acheron* (ver).

Ar-Abu Nasr-al-Farabi – Chamado em latim *Alpharabius*. De nacionalidade persa, foi o mais insigne filósofo aristotélico de seu tempo. Nasceu no ano 950 de nossa era e, segundo se diz, foi assassinado em 1047. Era filósofo hermético e dotado do poder de hipnose através da música, fazendo rir, chorar, dançar e tudo quanto quisesse daqueles que o ouviam tocar alaúde. Algumas de suas obras referentes à filosofia hermética encontram-se na biblioteca de Leyden.

Ârâdhana (Sânc.) – Culto, adoração; propiciação, favor, graça.

Arahat (Sânc.) – Também pode ser escrita como: *Arhat*, *arham*, *Rahat* etc.; “o digno”; literalmente: “que merece louvores divinos”. Este nome foi dado primeiramente aos santos jainos e, posteriormente, aos santos budistas iniciados nos mistérios esotéricos. [O *Arhat* é aquele que penetrou no melhor e supremo sendeiro, livrando-se assim do renascimento. O *Arhat* é o iniciado do grau superior, isto é, o que alcançou a quarta e última iniciação, aquele que passa por ela e converte-se em Adepto. (Ver *A Voz do Silêncio*.)]

Arâma (Sânc.) – Prazer, deleite, jardim de recreio.

Ârambha (Sânc.) – Empresa, tentativa, esforço; origem, princípio.

Ârambha-vâda (Sânc.) – “Teoria ou doutrina de um princípio”, isto é, a criação do mundo por um Deus pessoal. (*Bhagavan Dâs*)

Aranî (Sânc.) – O “*Aranî* feminino” é um nome do *Aditi* védico (esotericamente, “a matriz do mundo”). O *Aranî* é uma *swastica*, disco de madeira com um furo central, no qual os brahmanes produzem fogo através da fricção com o *pramantha*, um pau, símbolo do macho gerador. É uma cerimônia mística de significado oculto muito amplo e sagrado, que o materialismo grosseiro de nosso século corrompeu, dando-lhe um significado fálico.

Âranyaka (Sânc.) – Santos ermitões, sábios da Índia antiga, que viviam nas selvas. Significa igualmente um tipo de escritos religiosos, fragmentos dos *Vedas* e *Upanishads* [que são objeto de estudo especial daqueles que se retiraram para uma selva, a fim de se consagrarem à meditação].

Aranyâni ou **Aranyânî** (Sânc.) – Divindade das selvas.

Araritha (Hebr.) – Famosa e maravilhosa palavra cabalística de sete letras; sua numeração é 813. As letras foram retiradas por Notaricon da sentença: “um princípio de sua unidade, um começo de sua individualidade, sua mudança é unidade”. (W. W. W.)

Arasa Maram (Sânc.) – A árvore sagrada do conhecimento hindu. Em filosofia oculta, é uma palavra mística.

Arba-il (Cald.) – Os quatro grandes Deuses. *Arba* é uma palavra aramaica, que significa “quatro”, e *il* é o mesmo que *Al* ou *El*. Três divindades masculinas e uma feminina, que é virgem, embora reprodutora; constituem um ideal muito comum da Divindade. (W. W. W.)

Arca da Aliança – Toda arca-altar, entre os egípcios, hindus, caldeus e mesmo entre os mexicanos, era um altar fálico, símbolo do *yonî* ou matriz da Natureza. O *seket* dos egípcios, a arca ou caixa sagrada, era colocada sobre o *ara*, seu pedestal. A arca de Osíris, com as relíquias sagradas do deus, “era do mesmo tamanho da arca hebraica”, segundo o egiptólogo S. Sharpe. Era transportada pelos sacerdotes, com varas que passavam por seus anéis, em sagrada procissão, como a arca ao redor da qual dançava David, rei de Israel. Os deuses mexicanos possuíam igualmente as suas arcas, bem como Diana, Ceres e outras deusas. A arca era um barco, um veículo. “*Thebes* (Tebas) possuía uma arca sagrada de trezentos côvados de comprimento”, devendo-se notar que “a palavra *Thebes* (Tebas) significa, em hebraico, *arca*”, o que é apenas um reconhecimento natural do lugar ao qual o povo eleito é devedor de sua arca. Por outro lado, como escreve Bauer, “o Querubim não foi usado pela primeira vez por Moisés”. A Ísis alada era o querubim ou *Arieh*, no Egito, séculos antes de ali chegar o próprio Abraão ou Sarai. “Muitas vezes observou-se a semelhança externa de algumas arcas egípcias, que possuíam por arremate duas figuras humanas providas de asas, com a Arca da Aliança” (*Bible Educator*). E não apenas a semelhança e identidade externas, mas também a interna